

Louvor e Carisma: Uma análise do poder religioso

Jacqueline Zirolto Dolghie

Introdução

O protestantismo histórico brasileiro tem sofrido alterações litúrgicas desde a sua implantação no Brasil, na segunda metade do século XIX. No entanto, nas últimas décadas do século XX essa “movimentação cültica” se acentuou de tal forma, que o assunto passou a ser amplamente discutido por quase todas as igrejas locais das denominações protestantes. Ao discutirem sobre culto, as igrejas se voltam para novas realidades no cenário religioso brasileiro que estão de certo modo intercaladas, a saber, os novos modelos cülticos neopentecostais e a presença do mercado de música gospel. O novo perfil do culto protestante histórico sugere uma reinterpretação das funções primordiais desse culto em solo brasileiro, que, desde a sua implantação, se baseia em dois pilares: a prédica e a música. Esta última inovada drasticamente em vários aspectos, tem desestabilizado o papel central da prédica. Esse fato se deve não apenas pelas mudanças estilísticas na música, mas pelo novo formato de louvor, concebido unicamente como o momento musical e que trouxe a figura de novos agentes cülticos carismáticos para o protestantismo. O exercício do louvor carismático dentro do protestantismo brasileiro contudo, não se deve apenas por circunstâncias atuais. Tradição e carisma sempre tiveram seus conflitos no campo religioso. O que acentua o conflito desse momento é que o carisma leigo já se instaurou, em parte do protestantismo, como momento litúrgico do culto, na forma do louvor emocionalista. Este, fomentado pela mídia especializada, pelo mercado gospel e em acordo com as tendências culturais atuais, tem plena aceitação do público jovem e dos novos conversos, dificultando a manutenção da tradição. Somando-se a esse quadro de conflito, a história da hinódia protestante brasileira muito contribuiu para que no seu meio surgisse um alto grau de insatisfação com a música litúrgica. Assim, o louvor carismático propiciou uma ruptura com a hinódia tradicional, que há muito já estava enfraquecendo-se. Colocados de forma bem pontual, prédica e hinódia tradicional, de um lado e louvor e mercado gospel do outro, compõem os elementos conflitantes no atual cenário cültico protestante.

Culto protestante no Brasil

O protestantismo que se firmou no Brasil a partir de 1850 pode ser chamado de "Protestantismo de Missão". O inimigo único - o catolicismo - propiciou um clima de interdenominacionalismo entre as diversas igrejas que chegavam ao País, a maioria advinda do projeto missionário norte-americano. Por esse motivo houve no Brasil cultos e teologias mais uniformes entre as diversas denominações. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça (1995, p.190) as igrejas protestantes mantinham seus sistemas organizacionais específicos, mas praticavam em uniformidade a teologia dos avivamentos e da era metodista nos EUA. Ele declarou: "Sob o ponto de vista formal, congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas transplantaram para o Brasil o

protestantismo típico norte-americano". Dentro do aspecto cútico, os missionários que aqui chegaram, tal qual nos movimentos evangelísticos dos EUA, tinham essencialmente uma pregação metodista que falava do amor de Deus, do perdão gracioso pela aceitação, do arrependimento dos pecados, da santificação e da vida regenerada. Unidos no intuito de expurgar o "demônio do catolicismo", esses missionários implantaram no Brasil um protestantismo interdenominacional, onde conceitos calvinistas, cediam lugar a conceitos arminianos e a ênfase no evangelismo gerou a perpetuação de um culto que tinha por centralidade o apelo ao arrependimento e à conversão a nova religião. Dessa forma, assim como a teologia trazida pelos missionários era a dos avivamentos, também o era a música entoada congregacionalmente. A maioria dos hinos que compunha o repertório missionário era calcada em uma hinódia folclórica, dos acampamentos e dos movimentos de avivamento dos EUA.

Resumidamente Mendonça (In Mendonça e Velasques, 1990, p.175), estabeleceu o princípio norteador dos cultos avivalistas americanos, que foi importado pelo Brasil: "um sermão acompanhado de hinos e muita emoção". O culto protestante brasileiro assumiu esse modelo simplificado de liturgia que praticamente se estruturava nos elementos do sermão e da música, o que Mendonça (In Mendonça e Velasques, 1990, p.181) chamou de "esvaziamento litúrgico". Esse esvaziamento se manifestou na ausência de elementos simbólicos no culto, tais como vestimentas, orações públicas, ênfase na eucaristia, etc.

Essa redução litúrgica do culto protestante no Brasil atingiu todas as denominações que aqui chegaram por meio das missões norte-americanas. Carl J. Hanh (1989) utilizou o conceito de "unidade" do culto protestante no Brasil para descrever o fenômeno de similaridade entre as diferentes denominações protestantes aqui estabelecidas. Porém, ele deixou de fora de sua análise as igrejas luteranas e anglicanas, cujos cultos mantêm a liturgia tradicional; neste sentido, somente as outras denominações – metodistas, congregacionais, presbiterianas e batistas – assumiram no Brasil formas semelhantes de culto. Ora, essa "unidade" - nas palavras de Hanh - ou "similaridade" cútica, além de já ser praticada nos Estados Unidos, e legitimada pelo interdenominacionalismo teológico do pensamento missionário, encontrou respaldo na grande frente de trabalho iniciada por Robert Kalley, seguida de perto pelos missionários que chegaram após ele.

Kalley¹, chegou ao país em 10 de maio de 1855, e ele e sua esposa contribuiu significativamente para o desenvolvimento do protestantismo no Brasil. Robert, com grandes contatos e influências na corte brasileira, conseguiu criar um modelo de culto doméstico que não confrontasse diretamente a Igreja católica. Este modelo cútico se difundiu com muita rapidez entre os outros missionários e marcou uma estratégia evangelística. As residências se abriam para ouvir a leitura e o ensino da Bíblia e entoar alguns hinos. Amigos e vizinhos eram convidados e o caráter informal da reunião conseguia abaixar as resistências que porventura existissem. O modelo informal, que muito se aproximava do

¹ Robert Reid Kalley (1809-1888) - médico escocês, ordenado pastor pela Sociedade Missionária de Londres em 1839- e sua esposa Sarah Kalley chegaram ao Brasil em 10 de maio de 1855. Em 19 de agosto do mesmo ano Sarah Kalley iniciou em terras brasileiras as atividades da Escola Dominical.

comportamento do brasileiro, mais receptivo e caloroso com os visitantes, foi sem dúvida uma estratégia que deu certo. Além da facilidade de penetração nos lares, havia a facilidade do exercício cútico realizado pelo leigo. Em época que o pastor era raridade este foi um trunfo vital para a manutenção do culto protestante no Brasil.

A esposa de Robert, Sarah Kalley, em agosto de 1855 iniciou as atividades da Escola Bíblica Dominical com a presença de apenas cinco crianças. Sara Kalley passou a se dedicar com profundo esmero a esse trabalho pedagógico e usava a música como um meio de educar as crianças na nova doutrina. Henriqueta Braga (1961:109) acreditava na possibilidade de que os primeiros hinos em português cantados no Brasil tenham sido entoados nessas escolas dominicais. A grande contribuição de Sarah foi o seu trabalho musical que teve como consequência a produção do primeiro hinário do protestantismo brasileiro, o “Salmos e Hinos”.

A Escola Dominical e os cultos domésticos foram modelos de prática religiosa que deram certo no país. Ambas as atividades contavam com um elemento pedagógico eficiente, já usado por Martinho Lutero na Reforma Protestante, a música. Embora não existam registros específicos da liturgia dos cultos domésticos – o que indique talvez uma desvalorização às formas litúrgicas- os documentos de missionários tais como Kalley, Simonton e Blackford, analisados por Hahn (1989, p.132-152), mostram claramente que as atividades evangelísticas se baseavam em dois elementos: prédica e música. Esses registros contêm, na sua esmagadora maioria, apenas relato de leituras bíblicas, algumas orações e cânticos. Esse modelo leigo de culto protestante cristalizou-se historicamente por motivos diversos tais como a falta de pastores para o campo missionário, a força do modelo de culto norte-americano, as questões legislativas e também pelo aspecto interdenominacional que tomava conta do espírito dos missionários norte-americanos que chegavam ao país.

Mas, se como já afirmou Mendonça, o modelo cútico no Brasil foi influenciado pelo reavivamento norte-americano, em solo nacional ao contrário dos avivamentos, a concepção de culto era tipicamente racionalista. Segundo Hahn (1989, p.132-152), houve, também neste aspecto, a influência do pensamento de Robert Kalley. Ele acreditava que as verdades do evangelho tinham que ser apresentadas de forma racional e sua teologia era uma mistura de pietismo e racionalismo. O objetivo do culto para Robert Kalley era o convencimento de que nova religião trazia a verdade.

Em resumo, o modelo cútico de Kalley, leigo, informal e racional encontrou-se com a prática cútica de outros missionários americanos, que era a dos reavivamentos, cujo modelo também se baseava nos elementos priorizados por Kalley a saber, o sermão e a música. Esta última tinha um papel firmemente estabelecido como pedagógico e portanto, auxiliador da prédica. Esse modelo simplista de culto que se fixou no país tem de ser analisado por dois aspectos que se misturam dentro do contexto nacional descrito, mas que podem, metodologicamente, serem diferenciados: não só Kalley já havia com sucesso instaurado o culto doméstico no Brasil, como o próprio modelo americano negligenciava as demais partes litúrgicas do culto. Portanto, a matriz cútica do protestantismo brasileiro, quer a partir das reuniões dos Kalley, quer a partir do modelo dos reavivamentos, era a da música assessorando a palavra - esse dois elementos forneceram a estrutura do culto protestante no Brasil.

O desenvolvimento da música no espaço cúltico

No cenário em que se desenvolvera o culto protestante, a música era uma auxiliadora à mensagem que deveria ser transmitida e ensinada. É importante atentarmos para o fato de que embora o modelo de culto protestante no Brasil fosse semelhante ao modelo dos reavivamentos, ele não compartilhava com esse modelo na categoria do emocionalismo. Em outras palavras, o protestantismo adotou o modelo estrutural dos cultos dos reavivamentos, mas não o usou com para os mesmo fins. Isto esclarecido, importa-nos destacar que, além de tais características, o culto que aqui se desenvolveu estava longe dos padrões litúrgicos do protestantismo europeu. Se, a Reforma Protestante já havia enfraquecido a função dos ritos no culto, nos Estados Unidos e aqui no Brasil, tal situação chegara a um extremo. O culto se tornara lugar de aprendizagem. Dessa forma, podemos concluir que o culto brasileiro precisava, no seu “esvaziamento litúrgico”, apenas de dois agentes específicos, o orador e o músico, para se realizar. Ora, nas condições brasileiras, as duas principais - e quase únicas - funções litúrgicas podiam ser realizadas apenas por um só agente cúltico.

No início da inserção do protestantismo, o leigo desempenhava este papel com muita eficiência na temporada de ausência dos pastores que precisavam ir de cidade em cidade, fazenda em fazenda, para promoverem a religião. Mas, conforme o trabalho missionário foi se solidificando e o número de pastores aumentando, o leigo foi substituído na dupla função que exercia. Era muito comum que pastores fossem oradores e cantores nos cultos em que ministravam, principalmente quando ele entendia um pouco de música e que conseguia “puxar” os hinos. Contudo, no desenvolvimento do culto surgiu, como era de se esperar, um aparato musical mais técnico e específico nas igrejas protestantes de modo geral, que começou dificultar a atuação do pastor nessa área. (Braga, 1961). Infelizmente as condições de desenvolvimento musical no culto não foram iguais e sempre houve no Brasil uma deficiência muito grande da presença do “especialista musical” nas igrejas de menor porte econômico e social. Nessas, o ofício era realizado por “irmãos com vocação” e com muita boa vontade em servir sua igreja local. Esse último exemplo foi o que mais cresceu no protestantismo histórico do país. Com a deficiência de especialistas e o acúmulo crescente de atividades realizadas pelo pastor, a distinção se fez naturalmente; os leigos não-especializados detinham a função musical e o pastor era o responsável absoluto da prédica. Assim, a subordinação da música à prédica se refletia no exercício das funções realizada pelo leigo, em subordinação ao pastor/clérigo.

Em resumo, a reprodução musical nos cultos foi ganhando espaço e se desvinculando da figura do pastor. Os hinos, inicialmente ensinados pelos próprios agentes que se encarregavam do sermão - missionários, leigos e posteriormente pastores foram gradativamente passando para os cuidados de pessoas específicas, mas nem sempre especializadas. Historicamente os primeiros agentes musicais, que exerciam especificamente essa função de forma um pouco mais técnica, foram os regentes de corais. Infelizmente, os relatos históricos do culto protestante no Brasil ficam em dívida com a questão especificamente musical - o que revela a preponderância de um elemento litúrgico sobre o outro. É apenas com Braga (1961) que temos alguns dados

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

que podem dar pistas de como a música começou a se desenvolver no culto. A historiadora da música protestante no Brasil relacionou a segunda publicação do *Salmos e Hinos com Música Sacra*, de 1869, com uma atividade musical desenvolvida por Sarah Kalley, e concluiu que tal publicação deveria supor a presença de um coral. O primeiro relato de um coro organizado e com participação ativa nos cultos foi mencionado pela mesma autora e data de 1876 na Igreja Evangélica Fluminense² (Braga, 1961, p.116). Mendonça (1990, p.190) também relacionou a publicação com música do hinário *Salmos e Hinos* com a possibilidade da existência de um coral e mostrou a dupla função do pastor no início da inserção do protestantismo no país:

Não se sabe quando o canto coral [...] foi introduzido nas Igrejas brasileiras. É de supor que tenha sido desde os primórdios, uma vez que em suas primeiras edições o Salmo e Hinos com música já trazia melodias escrita para quatro vozes. No interior do estado de São Paulo, pastores ensinavam a grupos de pessoas vocalmente bem-dotadas alguns hinos do Salmos e Hinos, tradicionalmente cantado em uníssono, a quatro vozes.

Na realidade o coral foi o primeiro elemento musicalmente elaborado do culto protestante brasileiro e ele abriu a possibilidade para que outros recursos musicais surgissem e se desenvolvessem. Com o desenvolvimento do estilo coral ficava cada vez mais distanciado o sermão da música. Novamente trazemos a reflexão de Mendonça que fez um relato sobre o percurso da música no culto, que, segundo ele, buscava um espaço cada vez maior no culto (1990:192):

É muito freqüente ouvir o coro cantar extensos hinos evangelísticos no lugar dos intróitos e até dos responsos. Essa distorção da essência e do lugar do coral na liturgia constitui na tradição cültica brasileira um sério entrave para tentativas de redirecionamento que têm sido empreendidas. Mas esse entrave que o coral representa é, na maioria das Igrejas, ainda agravado pelos numerosos conjuntos vocais que voluntariamente se organizam e exigem espaço no culto. O que se vê, com freqüência, além do que se devia esperar, é o culto se transformar em espetáculo lítero-musical em que o fiel é mero espectador.

Mendonça fala nesse texto de duas realidades da prática musical no protestantismo. A primeira se refere a distorção litúrgica que sofreu o coral no culto protestante brasileiro, funcionado mais como elemento estético do que como elemento litúrgico. Sobre esse interessante aspecto provocado por Mendonça cabe explicar que esse fenômeno se deu por meio dos modelos cülticos dos reavivamentos e dos grandes evangelismos de massa principalmente nos EUA. A segunda refere-se às condições próprias do culto brasileiro que indica uma crescente proliferação de práticas musicais. São os “numerosos conjuntos vocais”, que requeriam cada vez mais espaço. Tais conjuntos provavelmente faziam arranjos mais livres e improvisados dos corais para se apresentarem no culto, isto concluímos, pela categoria de conjunto

² Igreja fundada por Robert Kalley, em 1858, no Rio de Janeiro

vocal trazida no texto. Mas, além desses grupos o campo protestante se viu invadido de outros grupos musicais intimamente relacionados com a chegada ao Brasil das instituições paraeclesiais³, que introduziram no protestantismo os chamados “corinhos”.

Desde então o espaço cútico vem sendo dividido pelo pastor, responsável pela pregação e pelos agentes musicais, fragmentados em diversas formas: corais, grupos vocais, grupos musicais de condução congregacional de cânticos, grupos e solistas que se apresentavam com *play-back*, e outros mais. Não é difícil perceber que com essa fragmentação e especialização da produção musical no culto, a relação de subordinação da música à pregação já estava enfraquecida. O enfraquecimento da condição de submissão rapidamente se transformou em confronto. Isso se deu à medida que a proliferação dos grupos musicais foi sendo sistematicamente subsidiada pelas organizações paraeclesiais, o que historicamente aconteceu no país nos anos 70 e 80. A nova proposta de louvor para os jovens - o corinho - se desenvolveu com espantosa rapidez nas décadas posteriores. As estratégias usadas eram simples e eficientes. Entre elas podemos destacar os constantes acampamentos jovens, os louvorões, onde o novo modelo era disseminado e o patrocínio financeiro para formação de grupos musicais de jovens - tudo em um ambiente interdenominacional.

As denominações mais atingidas pelo modelo de louvor das paraeclesiais foram as igrejas metodistas, batistas e presbiterianas. Os jovens de tais denominações formavam grupos de louvor com o objetivo de atuarem nos cultos e recebiam treinamento para uma atuação evangelística no próprio culto. Como era de se esperar a reação da ala tradicional da igreja ofereceu resistência a esses grupos, tentando por todos os meios, proibi-los de atuarem nos cultos, cujo maior argumento era o estilo musical “não apropriado para o momento”. No entanto, além das inovações musicais, porque cantavam e tocavam o que não era hinologicamente aceito, esses grupos ousavam ser independentes no tipo de produção: cantavam, mas também falavam. Os testemunhos e as longas introduções antes das apresentações musicais, davam a tais grupos um caráter quase que autônomo. Mini-sermões faziam a ponte para a música. Tratava-se de uma perigosa inversão para quem detinha a legitimidade da pregação: esta agora, fragmentada nas mãos de jovens leigos, servia como um elemento que assessorava a música!

Dentro desse novo formato, o modo mais eficaz de combater um possível enfraquecimento da pregação, foi, obviamente, o apelo à tradição. Assim, a música que não servia aos propósitos da pregação, foi marginalizada pela liturgia oficial. Os hinos, oriundos dos vários hinários evangélicos que seguiram a tendência dos *Salmos e Hinos*, formavam a hinódia oficial do protestantismo brasileiro, porque legitimavam o caráter racional da pregação. Contudo, as novas produções musicais, marginais à hinódia oficial, não retrocederam e sempre tiveram um público que as reconhecessem como litúrgicas. A tensão entre os modelos musicais litúrgicos - hino e corinhos/cânticos- era na realidade a tensão entre a música e a pregação.

³ As instituições paraeclesiais, que começaram a chegar no Brasil na década de 1950, eram organizações norte-americanas e interdenominacionais que visavam a evangelização dos jovens. Elas promoviam acampamentos e reuniões específicas para o louvor.

A busca da autonomia musical no culto e o enfraquecimento da prédica

Na década de 1990, com a chegada das igrejas neopentecostais e das várias “comunidades evangélicas alternativas”, a tensão entre a prédica e a música se tornou maior. As igrejas neopentecostais, embora não se apresentem de forma homogênea, possuem características comuns, que podem dar certo perfil desse novo fenômeno religioso no Brasil. Elas se diferenciaram do protestantismo histórico não só internamente ao campo religioso - teologia, culto, eclesiologia - como também nos aspectos extra religiosos - culturais e sociais. Seus adeptos se mostram integrados com tendências atuais da sociedade, sem nenhum tipo do velho ascetismo contra-cultural, que marcava acentuadamente o protestantismo e o pentecostalismo clássico. Assim, os neopentecostais estão interessados nos valores “desse” mundo, na contra-mão do conhecido “celeste porvir” dos protestantes tradicionais.

No ponto que extrapola o campo religioso, o neopentecostalismo tem, como traço marcante, a estrutura empresarial de suas igrejas, que utiliza técnicas administrativas e de marketing para a sua sobrevivência e expansão. A utilização da mídia é o caminho utilizado por quase todas as grandes igrejas neopentecostais, gerando uma visibilidade social nunca vista historicamente em nosso país em relação ao campo protestante.

Tais fatores, entre outros, têm causado reações do protestantismo histórico: o neopentecostalismo é discutido, avaliado, criticado e condenado. Das várias reações do protestantismo ao neopentecostalismo, a que nos interessa é a que passa pelos aspectos cúlticos dessas igrejas. O culto neopentecostal se apresenta de forma bem diferente do protestantismo histórico. Neles, como já pesquisou Leonildo Silveira Campos (1997) há uma simbiose entre o espetáculo e o culto propriamente dito. Ora, o culto neopentecostal é quase que uma anti-proposta do culto protestante histórico. Sacralização de espaços e objetos, estetização, emocionalismo e magia, compõem sincreticamente este tipo de culto. em muitas dessas igrejas a música é o maior meio para a emoção. É a proposta do culto-espetáculo e do culto-show! Nada poderia ser mais ofensivo à concepção cúltica e litúrgica do protestantismo, que herdou do modelo kalleyano o princípio da racionalidade.

Mas, o fato que queremos destacar não é o culto neopentecostal no interior de tais igrejas, mas a extensão do culto para fora da igreja. O neopentecostalismo, com a negação da tendência contra-cultural, tanto de protestantes e principalmente dos pentecostais, propõe uma nova relação igreja-sociedade. Não é que os valores do mundo não podem “entrar” na igreja, é a própria igreja que tem que se valer desses valores para a sua atuação na sociedade. Tal concepção acaba por expor para fora da igreja o que, até então, estava restrito ao espaço religioso. É o que acontece com a produção musical de algumas igrejas neopentecostais atuantes nessa área. A música tornou-se não só instrumento de culto e para o culto, mas escapou de sua função litúrgica e ganhou espaço secular. Uma das igrejas que mais contribuiu para que isso acontecesse foi a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, que, com estratégias eficientes de marketing, atuou de forma decisiva na consolidação e expansão

de um mercado fonográfico da música evangélica, o que denominamos de “mercado de música gospel”⁴.

A proliferação e expansão desse mercado gospel trouxe aspectos totalmente novos ao campo protestante brasileiro: shows gospel, gravações ao vivo, lançamentos de CDs, mega-shows, evangelismo para as massas, entretenimento gospel. Os músicos, ora denominados “levitas”, ora “artistas gospel”, revezam suas atividades entre cultos e shows. Os cachês convivem com o discurso da evangelização, as orações com o gelo seco, o louvor com o show!

Dentro deste contexto, o movimento neopentecostal e o mercado de música gospel possibilitaram, no Brasil, a rápida expansão do reconhecimento da música como um lugar de destaque no culto e independente dele. De fato, por vezes o lugar de importância é invertido nos cultos neopentecostais e nos espetáculos gospel: a música, que oferece um dispositivo emocional mais eficaz é privilegiada, enquanto a pregação assume um papel de complemento.

Como fica então a tensão - já antiga - entre a pregação e a música no culto protestante? Se o protestantismo brasileiro conseguiu manter com certa dificuldade a supremacia da pregação no culto, ele foi golpeado pelas novas tendências de louvor e pelo mercado de música gospel. A incorporação de um novo estilo de louvor é ameaça marcante nas igrejas protestantes de todo o país. Esse momento de louvor tem como fator primordial o estilo carismático de sua apresentação. Este é o fato mais inusitado no culto protestante que sempre se valeu da instrumentalidade racional. Algumas igrejas, de denominações diferentes têm incluído esse louvor emocional e carismático nos seus cultos. Não nos parece, contudo, que isso tenha ocorrido apenas como resultado de movimentos externos ao protestantismo. Dentro da teoria sociológica da religião desenvolvida por Pierre Bourdieu (1987, p.45- 69) fica claro que já existiam, e ainda existem, demandas religiosas internas ao campo protestante histórico, que em contato com neopentecostalismo e o mercado gospel se intensificaram. O consumo do louvor emocional, que se revela pela presença dos protestantes históricos nos shows de adoração e pela inclusão do estilo em alguns cultos, só pode ser entendido quando “produção” e “procura” estiverem em congruência. Otto Maduro (1983, p.138) nos oferece uma clara relação entre esses dois elementos:

[...] nem a procura religiosa, nem a produção religiosa – nenhuma delas por si só – pode provocar o consumo religioso; este é resultado, única e exclusivamente, da convergência de uma procura religiosa insatisfeita com a oferta do produto adequado a esta procura. Sempre que e somente se ocorrerem essas duas condições, ocorrerá consumo religioso

Portanto, o consumo do louvor emocional mostra uma tendência de procura religiosa leiga desse bem religioso. O desenvolvimento de uma hinódia marginalizada à oficial, já apontava para uma insatisfação na área litúrgica que se encontra agora intensificada pela inesgotável possibilidade de acesso do mercado gospel. Em resumo, a luta por novas condições litúrgicas da música

⁴ Este foi o tema de nosso trabalho de mestrado intitulado A Renascer em Cristo e o mercado de música gospel no Brasil.

no culto foi responsável pelo desenrolar histórico desse elemento no culto. A música no culto protestante, que era apenas auxiliadora do sermão, foi aos poucos ganhando espaço próprio, criando dessa forma uma situação de confronto com a prédica, que pode ser intensificada ou enfraquecida dependendo de variáveis internas e externas ao campo religioso. Os novos movimentos religiosos neopentecostais e o mercado de música gospel aceleraram o processo de busca de autonomia da produção musical no contexto cültico protestante. A esses fatores – restritos aos agentes de produção do culto – soma-se a insatisfação religiosa dos jovens protestantes ao modelo hinódico tradicional, comprovado pelo consumo religioso de música gospel.

Hoje, no Brasil, o protestantismo se encontra no dilema entre ceder às novas práticas litúrgicas neopentecostais ou, remetendo à tradição, manter a centralidade da prédica no culto. Difícil tarefa, que passa, não só pela reflexão da liturgia do culto cristão como pela discussão sociológica da manutenção do poder religioso no espaço cültico. É nesse sentido que gostaríamos de analisar esse fenômeno, colocando desde já, que reconhecemos que essa é apenas uma possibilidade de análise, que não objetiva esgotar a discussão.

A luta pelo monopólio do poder religioso: tradição e carisma

Entendemos que o conflito interno ao campo religioso, principalmente no que se refere à hinódia, está intimamente ligado com o jogo de poder existentes entre seus agentes. Obviamente, trataremos de classificar tais agentes de forma pura, utilizando não só a tipologia, mas também o método weberiano. Assim, propomos uma compreensão da prédica e de seu principal agente, o pastor, como uma forma de dominação tradicional. A figura do sacerdote, que trabalha a favor da instituição encontra no exercício da prédica o seu meio eficaz de dominação.

No outro lado, o agente musical leigo, cumpre o tipo de dominação carismática, que afronta e desafia o poder institucional. É importante ressaltar que essa tipologia distinta está sendo realizada para analisar as questões totalmente atuais do contexto de culto protestante no Brasil. A música pode ser totalmente servidora do poder institucional, como também a prédica pode ser utilizada em momentos carismáticos, quando assume sua função profética. Contudo, o contexto atual da música no culto protestante passa pela discussão dos movimentos carismáticos no Brasil da última década, que se valeram exaustivamente da música como meio de êxtase religioso e manipulação das massas através da emocionalidade extrema. Assim, propomos a dualidade de funções, estabelecendo tipos puros para elas: a função do sacerdote, institucional/tradicional e a função do leigo, carismática.

A prédica- dominação tradicional

Willaime (2002, p.43) ao analisar sociologicamente a prédica no culto, disse que tal método “[...] não se limita, no entanto, ao estudo de como ela é recebida, mas analisa também suas condições de enunciação e a encara como uma prática discursiva específica”. As condições de enunciação revelam três características importantes da prédica: a institucional, a comunitária, a ritual. Dependendo de condições específicas a prédica poderá

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

inclinam-se a realçar uma das suas características. Ora, as condições específicas, nas quais passa o culto protestante brasileiro, faz com que, atualmente a prédica reforce sua característica institucional!

Segundo Willaime (2002, p.46), a função maior da prédica no culto protestante é trazer a presença da divindade:

Na tradição protestante, foi muitas vezes acentuado que a prédica ocupa um lugar essencial no dispositivo de culto. Não queremos dizer, em nome da idéia que faríamos da 'essência' do protestantismo, que deva ser obrigatoriamente assim, mas queremos somente sublinhar que, no protestantismo, a prédica foi colocada no centro do dispositivo pelo qual essa tradição religiosa leva a presença da divindade aos fiéis: é uma verdade histórica e isso corresponde à forte valorização que teólogos protestantes e fiéis atribuem tradicionalmente a esse elemento do culto protestante.

Estando a prédica no centro do dispositivo que leva a presença da divindade aos fiéis, ela se torna indispensável para que o culto aconteça. A presença divina para o protestante se encontra na própria palavra, é a religião da *Sola Scriptura*. Assim, encontramos a íntima ligação da prédica com a teologia. Ora, a prédica sendo ligada totalmente à teologia, traz em si a "visão de mundo" construída por um grupo religioso. Em outras palavras, a teologia determina as possibilidades e os limites do grupo religioso, o permitido e o proibido, o certo e o errado, que são veiculados de forma objetiva na prédica. Este é o grande elemento racional, já mencionado por Mendonça (1990:189,190), e que caracteriza fortemente o culto brasileiro: "O protestante no Brasil despreza o simbólico e a linguagem do gesto e investe contra o mistério com todas as armas da razão".

Disso concluímos que a prédica assume no culto uma função quase sempre institucional, porque é servidora da teologia que determina a visão de mundo do grupo. O culto protestante brasileiro sendo o culto em que se fala "de Deus", - dentro do princípio de ensino -, é o culto em que a teologia cotidianamente é exposta e explicada. Esta situação, particular do protestantismo brasileiro, reforça o caráter institucional da prédica. Willaime (2002, p.50) mostrou como é íntima a relação da prédica com a manutenção da instituição:

A prédica face à função religiosa que desempenha no dispositivo de culto protestante tem uma função instituinte, pois é por ela que a Igreja protestante se apresenta comprovadamente como instituição prestadora de bens de salvação objetivos e não simplesmente como associação voluntária de crentes cuja existência dependeria da adesão dos membros. [...] E se a verdade religiosa se afirma antes de tudo na prédica, basta que o dispositivo predical se manifeste com regularidade no plano do culto semanal para que a instituição exista.

A importância atribuída à prédica/teologia tem como consequência a importância atribuída ao pastor/teólogo: o representante legítimo que pode dispor desse elemento fundamental no culto. É nesse sentido que a função do pastor/teólogo se assemelha a tipologia weberiana de sacerdote. Ele trabalha a

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

favor da instituição e é o possuidor legítimo do dispositivo fundamental da tradição do culto protestante. Para definir o tipo puro de sacerdote, Weber (2002, p.294) recorreu aos elementos que podem diferenciá-lo, cuja maior característica seria exatamente a sua atuação no culto:

Entre estas situações contrárias existe uma escala graduada de casos intermediários, mas os tipos puros são unívocos, e a existência de lugares de culto, em combinação com algum aparato material de culto, pode ser considerada a característica do sacerdócio.

De acordo com Weber o exercício que legitima o sacerdote é o exercício cúltico; sua legitimação se faz exatamente nesse espaço. Legitimando-se a autoridade do pastor, legitima-se a dominação tradicional, que é segundo Weber (2000, p.141): “[...] baseada na crença cotidiana da santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade.” Por esse motivo a instituição se valerá sempre, para se manter, do exercício da dominação tradicional, cuja exclusividade de poder, ou, em outras palavras, o monopólio do exercício legítimo do poder, está representado pela figura do sacerdote- pastor/teólogo. A prédica institucional é um forte meio utilizado para o exercício dessa dominação.

O louvor- dominação carismática

Como vimos, durante muito tempo a música assumiu a função de auxiliadora da prédica, e, nesse sentido, contribuiu para a legitimação do poder sacerdotal e para o modelo racionalista de culto que se implantou no Brasil. Contudo, ela assumiu em tempos atuais uma função carismática, estranha à concepção racional de culto e que desestabiliza o poder da prédica institucional.

O louvor carismático promovido pelo mercado gospel além de proporcionar a autonomia do agente musical, possibilitou a este o exercício da dominação carismática. Nos grandes eventos gospel - que são uma mistura de louvor e show - o agente musical detém o controle dos sentimentos do público. Os eventos mais responsáveis para a propagação desse gênero de apresentação são os lançamentos e gravações ao vivo de CDs destinados ao louvor congregacional. As bandas que fazem tais eventos são chamadas de “ministérios de adoração” e movimentam uma fatia bem significativa do mercado gospel. Nesses encontros o que se observa é a culminância em uma espécie de catarse ou de êxtase espiritual, direcionada por meio da música, sob o comando do “ministro de louvor”: o público reage com choros, com euforia em excesso, com danças e gritos. As performances dos grupos são as mais diversas e podem incluir bailarinos, profecias e “ministração de cura”. Os ministérios de adoração podem ou não estarem vinculados a igrejas específicas, mas, as apresentações são incontestavelmente interdenominacionais.

A figura do ministro de louvor é reconhecida como uma pessoa especial e vocacionada por Deus. O termo mais usado para expressar o reconhecimento desse líder, como dotado de uma força sobrenatural, é “unção”. É assim que o público manifesta suas comparações entre os ministérios e seus líderes, classificando-os em mais ou menos ungidos. Em outras palavras, o grupo

reconhece que o ministro de louvor é portador de uma “unção espiritual” que o diferencia dos demais: ele pode profetizar, libertar e curar durante o momento de louvor. A dominação carismática é inegável. Como toda dominação, ela é legitimada pelo grupo. Weber (2000:141) distinguiu essa dominação como:

[...] baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta revelada ou criada [...] No caso da dominação carismática, obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude e confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma.

O louvor carismático, divulgado amplamente pela mídia especializada, está em pleno acordo com os shows musicais seculares. As apresentações das bandas, a performance nos palcos e o uso de alta tecnologia fazem desses encontros verdadeiros espetáculos emocionais. A inserção desse elemento estético-emocional no campo religioso coincide com o que já falou Campos (1999) a respeito da busca na sociedade pós-moderna pelo espetáculo e pelo show. No mesmo sentido Willaime (2002, p.54) associou as tendências pós-modernas com o processo de “estetização do culto”, que aqui parafraseamos como estetização do louvor. Sem dúvida, o auge do louvor emocional não pode ser ligado a um único motivo. Além dos fatores religiosos, que podem ser divididos em internos e externos ao protestantismo histórico, as dinâmicas sócio-culturais estão diretamente envolvidas nesse fenômeno. As demandas por estilos musicais variados e mais emocionalidade no culto são comprovadas pela legitimação que as comunidades dão aos ministros de louvor e reafirmam a impossibilidade da produção religiosa ser totalmente autônoma de outras esferas sociais. Muitas categorias sociais podiam ser pontuadas para a verificação da dinâmica entre religião e sociedade, contudo, nosso enfoque está recortado nas condições internas do culto e dos seus agentes, a partir da constatação do consumo religioso do louvor carismático. Por esse motivo é que pontuamos as tipologias pastor e músico leigo, para mostrar a dinâmica interna ao campo religioso nos processos de produção e manutenção de poder religioso. Assim, após especificar os tipos puros analisaremos as estratégias para a manutenção ou apropriação do poder religioso.

O culto protestante atual: a luta pelo monopólio do poder religioso

A participação dos jovens protestantes nos shows de adoração é cada vez mais freqüente⁵ o que colabora com a tensão entre a prédica e a música no culto. Se, em um determinado momento histórico, o pastor se viu dividindo o espaço cúllico com as equipes de louvor, agora ele convive com a ameaça de um momento de louvor emocional. Isso se deve pela cobrança dos jovens que querem ver a reprodução dos shows de adoração na liturgia de suas igrejas locais, o que em parte está relacionado com a sensação de total liberdade corporal e emocional nesses eventos. Tais sensações são

⁵ Esta informação é resultado do trabalho de campo que realizamos junto as igrejas protestantes, de bairros diferenciados na cidade de São Paulo, em forma de questionário.

provocadas pelo estilo de apresentação que envolve uma busca excessiva de emocionalidade religiosa aliada ao lúdico do espetáculo. Tais experiências religiosas são inatingíveis no culto protestante histórico, o que inevitavelmente leva à insatisfação religiosa do grupo em questão.

A força que assume a cobrança de uma mudança litúrgico-musical está relacionada com a força do mercado. O público jovem não só frequenta tais espaços livremente, como, por meio do mercado de música gospel, leva para casa, sua banda ou cantor favorito. Leva também o seu “louvor favorito”! A possibilidade de escolha é riquíssima e o consumo de Cds dos grupos de Ministérios de Adoração é enorme. Devido ao fácil acesso e a eficiência do marketing, o público jovem do protestantismo brasileiro é estimulado pela mídia e pelo mercado para consumir um louvor emocional e livre das delimitações locais e denominacionais.

Esse consumo, não controlado pela igreja local, trouxe um antagonismo nunca vivenciado pelo culto protestante até então. A centralidade da prédica já estava enfraquecida pelos exaustivos números musicais no culto, mas, no entanto, sua função racional ainda se fazia notar. De forma geral, os carismatismos eram contidos no culto. Entretanto, no novo quadro, a ação carismática do ministro de louvor pode se instalar de forma inesperada. Basta uma associação do momento de louvor com o que acontece nos shows de adoração! A tensão se intensifica ainda mais porque pelo caráter desses shows não há a mínima necessidade da prédica para que a presença da divindade seja sentida. O público protestante que já vivenciou esse fato, ativa essa relação na hora do culto. É aqui que o dispositivo protestante que traz a presença da divindade, como falou Willaime, é deslocado para o momento de louvor. Ocorre a inversão dos papéis entre a prédica e a música. Esta última pode, sozinha, trazer por meio do dispositivo emocional a presença da divindade no culto.

Este deslocamento de função dispositiva se deve também pelas condições que o discurso racional assumiu em tempos atuais. Por conta de questões quem ultrapassam e perpassam o campo religioso, o indivíduo contemporâneo não se contenta mais com o saber racionalizado. Ele deseja sentir, tocar, reagir emocionalmente. No espetáculo, ele é convidado a reagir, não apenas a escutar e pensar. As reações individuais são desencadeadas de tal forma, que sem elas o espetáculo não se concretiza. É exatamente o que ocorre no louvor carismático. Sem a reação do público não há o louvor. Por esse motivo o público é estimulado a reagir. A palavra fica enfraquecida diante das emoções. É a “palavra humilhada” da qual nos falou Jacques Ellul (1984) diante da “sociedade do espetáculo” de Guy Debord (1997). É a prédica enfraquecida, diante do louvor emocional!

O enfraquecimento simbólico da prédica é o enfraquecimento do poder religioso do pastor/teólogo, assim como o fortalecimento do espetáculo, propicia o exercício de poder religioso pelo leigo. A luta pelo monopólio da produção dos bens religiosos e conseqüentemente pelo poder religioso, é inevitável. Bourdieu (1987, p. 88) mostrou que a concorrência pelo poder religioso:

[...] deve sua especificidade [...] ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.

A ação carismática, está mudando a prática religiosa dos leigos, e inculcando-lhes um novo hábitus. A visão de mundo, a sistematização das práticas religiosas que antes eram formuladas, e até esperadas, pelo pastor, não precisa mais deste. Por outro lado, o músico leigo, que sempre esteve dentro dos limites estabelecidos pelos sacerdotes, ganha cada vez mais autonomia e busca o poder de modificar as bases do pensamento religioso do público leigo e para isso se utiliza da ação carismática. Os dois tipos de dominação tradicional e carismática, entram em confronto na concorrência pelo monopólio do poder religioso.

Se verificarmos historicamente, os movimentos carismáticos sempre contribuíram para o aproveitamento dos leigos na prática anteriormente exclusiva do corpo clerical. É o caso dos pregadores leigos nos Estados Unidos, na Era Metodista e da importância de negros e mulheres nos movimentos pentecostais. A atuação dos leigos ganha nos movimentos carismáticos uma função de reação ao monopólio dos sacerdotes. Em última instância temos a tensão entre o sacerdócio e as forças leigas. Weber (2000, p.313) distinguiu três forças atuantes no círculo dos leigos:

[...] 1) a profecia; 2) o tradicionalismo leigo, 3) o intelectualismo leigo [...] O profeta ético e exemplar, em regra, é ele mesmo um leigo e, em todo o caso, apóia sua posição de poder sobre o grupo de adeptos leigos. Em virtude de seu sentido, toda profecia, ainda que em grau diverso, desvaloriza os elementos mágicos do sacerdote organizado.

Assim, no Brasil, a manutenção da figura leiga do músico no culto protestante, propiciou o surgimento da liderança profética leiga, contra o poder do sacerdócio organizado, e tal luta se trava, logicamente no espaço cültico. Em outras palavras, a atuação carismática do ministro de louvor, que encontra adeptos leigos, cumpre a função profética de desestruturação e desvalorização do exercício sacerdotal.

É bom esclarecermos que a luta ou concorrência pelo poder não acontece de forma totalmente consciente pelos agentes sociais envolvidos. Otto Maduro (1983, p.18) nos adverte para o fato da ação inconsciente dos atores sociais envolvidos na luta pela legitimidade da produção religiosa. Assim também se procede nas circunstâncias analisadas aqui. Não se trata de apenas jogos de poder no sentido banal que tal expressão pode assumir. O que acontece é que os atores sociais são envolvidos em tramas próprias do campo em que estão inseridos de tal forma e com tal complexibilidade que as ações não podem ser caracterizadas como “ações pessoais”. Essa idéia está sustentada pela concepção de campo social, que foi cunhada por Bourdieu, tão comumente usada na sociologia, mas que é importante trazermos sempre à mente. Segundo Bourdieu (1983, p.89) o limite de um campo é delimitado pelos agentes internos, que ajudam a construir toda a sua identidade. Isso porém não é realizado facilmente. Todo o processo que

estrutura o campo está baseado em relações de luta pelo poder. O campo portanto, é o espaço de luta constante. A luta é condição de existência de qualquer campo social, inclusive o religioso. É dentro desse contexto que a concorrência pelo monopólio do poder religioso deve ser visto: sobre a dinâmica interna do campo religioso, que como vimos está sempre em diálogo com questões externas a ele.

Esclarecidas tais condições, gostaríamos de analisar as duas posições típico-ideais que o sacerdote pode assumir quando se sente ameaçado no exercício de seu poder. Uma das possibilidades extremas é a aproximação do estado mais puro da tipologia do sacerdote - o de mantenedor da instituição. Quando assumida a postura de oposição radical ao louvor emocional, o caminho normal do exercício do poder religioso é associar esse novo elemento como heresia. Os discursos se erguem no sentido de identificar tais movimentos como alienantes, massivos, passageiros, fúteis, desviantes da sã doutrina e, portanto, ilegítimos.

Mas, se é pela condição de manutenção do monopólio do exercício legítimo do poder que encontramos essa atividade extrema da função sacerdotal, é também, pelo mesmo motivo, que encontramos a tentativa de negociação e adaptação desse novo estilo de louvor, por parte de alguns pastores protestantes. As aparentes concessões também fazem parte do exercício sacerdotal, que precisa sempre perceber quando a instituição pode perder com o enfrentamento direto de situações inovadoras. Nesse caso existe uma incorporação dos novos elementos que passam a ser manipulados pelo próprio sacerdote. As denominações e igrejas locais variam muito nessa reação dependendo de suas condições eclesiológicas. Weber (2000, p.313) relacionou o posicionamento sacerdotal com o tipo de cada organização:

Quanto mais especificamente congregacional o caráter da organização, tanto mais a posição poderosa dos sacerdotes enfrenta a necessidade de ter em conta, no interesse da conservação do grupo de adeptos, as necessidades dos leigos [...] essa situação é comum a todo tipo de sacerdócio. Para manter sua posição de poder, freqüentemente tem que condescender, em alto grau, às necessidades dos leigos.

A relação “grau de concessão” e “caráter congregacional da instituição” é a chave para entendermos a diversidade de situações do campo protestante. Nota-se a partir da colocação weberiana que quanto mais congregacional for o caráter da organização mais concessões terá que fazer o sacerdote para manter seus adeptos e sua posição de poder. O exercício sacerdotal está sempre sujeito às alterações cujo intuito final, de fato, é a preservação dos membros.

Em outras palavras o pastor/teólogo protestante, dentro das variadas possibilidades desse campo, tem que usar de estratégias que podem ir desde a confrontação total com o carismatismo leigo exercido no louvor, ou incorporá-lo para manter a posição de poder. Na prática os dois exemplos assumem desde as situações puras até as nuances entre os tipos extremos. Algumas igrejas, já incorporaram de tal forma o louvor carismático, que o ministro, ou líder de louvor, se torna um agente cúltico de máxima importância. Em muitas

dessas igrejas, o culto quase todo é dirigido pelo leigo que passa a condução da “palavra” para o pastor. Este que cumpre um ritual, já bem menor em termos de tempo, da leitura e da explicação da bíblia e a ênfase do culto não é mais no sermão. Assim a figura pastoral, embora enfraquecida na sua função pedagógica, se mantém como legitimadora do novo momento que se instaurou no culto.

No sentido oposto, alguns pastores utilizam-se cada vez mais da força da prédica, como elemento autêntico e genuíno, para garantir a manutenção da tradição protestante. O sentido pedagógico e racional do culto é mais intensificado para que as forças opositoras não encontrem possibilidade de instalação. A música assume a sua antiga condição de auxiliadora da prédica e o repertório está fixado nos hinários tradicionais. Os movimentos corporais e as manifestações mais informais são proibidos e instrumentos das bandas ou conjuntos musicais não são permitidos. A prédica nesses cultos assume mais do que nunca a sua função institucional e se erguem os discursos contra o emocionalismo exacerbado que tomou conta de algumas práticas religiosas.

Assim se justificam as atitudes totalmente antagônicas no campo religioso protestante em relação aos novos modelos de louvor. As várias posições - de oposição, de incorporação e intermediárias - ao novo fenômeno de mercado, o louvor carismático, são posições que variam em acordo com as necessidades sacerdotais para a manutenção do monopólio do poder religioso. O grau de insatisfação religiosa dos leigos e o tipo eclesiológico das denominações e igrejas locais são os elementos que auxiliam o sacerdote na escolha da ação a ser tomada. A conseqüência mais visível e notória desse fenômeno sociológico se faz no culto! A variedade de estilos litúrgicos e a grande diferença entre eles, até na mesma denominação, é o reflexo da luta pela manutenção do poder religioso.

Considerações finais

Consideramos, tipologicamente, prédica e louvor como áreas de duas esferas do poder religioso, que, atualmente, encontram suas oposições nas máximas das dominações tradicional e carismática. O culto protestante tem sido o lugar de conflito, no qual essas duas formas puras de dominação tentam monopolizar a produção dos bens religiosos. Com a formação do novo cenário religioso no Brasil e a estruturação do mercado de música gospel, a formação estrutural do culto corre o risco de se inverter ou de se engessar num radicalismo nunca visto antes. O culto protestante brasileiro que sempre teve um modelo homogêneo, caracteriza-se atualmente exatamente na condição oposta a de heterogeneidade. Essa nova configuração é o reflexo das condições internas, peculiares em cada localidade, para a manutenção do poder religioso. Analisamos apenas as condições internas ao campo religioso protestante e numa tipologia que estabelece diametralmente dois pólos centralizados de poder que passam pelo interesse do leigo. As condições da dinâmica do campo religioso com os outros campos sociais, principalmente com a cultura, que pode servir como parâmetro para análise do interesse religioso dos leigos, não puderam ser analisadas neste momento, mas é de primordial importância para a compreensão dos novos gostos e tendências musicais. Concluímos assim, que a luta interna ao campo religioso se

intensificou, no caso analisado, por condições também externas ao âmbito religioso. Portanto, não esgotamos o assunto, mas mesmo assim, esperamos que essa análise possa contribuir para o avanço do olhar sociológico na dinâmica cültica protestante no Brasil.

Referências bibliográficas

BRAGA, Henriqueta. *Música sacra evangélica no Brasil: contribuição à sua história*. Rio de Janeiro, Kosmos, 1961.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

DOLGHIE, Jacqueline Z. *A Renascer em Cristo e o mercado de música gospel no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião)- UMESP, São Bernardo do Campo, 2002.

ELLUL, Jacques. *A palavra humilhada*. São Paulo, Paulinas, 1984.

HAHN, Carl J. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo, Aste, 1989.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis, Vozes, 1983.

MENDONÇA, Antonio G. e VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio G. *O celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 1995.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. V. 1, Brasília, UnB, 2000.

WILLAIME, Jean-Paul. "Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso" In: *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, UMESP, Ano XVI, n 23, dezembro de 2002.